

# *Analisando O Discurso E O Humor Nas Charges: Do Material Linguístico À Materialidade Discursiva<sup>1</sup>*

*ANALYZING SPEECH AND HUMOR IN CARTOONS: FROM LINGUISTIC MATERIAL TO DISCURSIVE MATERIALITY*

José Wellisten Abreu de **SOUZA**<sup>2</sup>

**Resumo:** A charge constitui-se em um gênero textual-discursivo, no qual inúmeros recursos expressivos fazem parte de sua produção e atuam decisivamente na sua interpretação. Aspectos discursivos caros à Análise do Discurso, como a noção de alteridade e de sujeito, unem-se aos aspectos semântico-pragmáticos, devido ao humor se estabelecer pela união entre a materialidade linguística e, por exemplo, a relação existente entre língua/sujeito/história, língua/ideologia, heterogeneidade, formação discursiva. Assim, objetivamos neste artigo mostrar o quanto a materialidade linguística é relevante na ativação do gatilho humorístico, valendo-nos da perspectiva de que um discurso sempre dialoga e é constituído pelo discurso de outro/Outro. Para tal, propomos a análise de 03 charges, pautando-nos nas seguintes leituras: Possenti (2001, 2002, 2010), Mussalim (2012), Pilla e Quadros (2009) e Authier-Revuz (2004). Como considerações preliminares, entendemos que o material linguístico é decisivo na constituição e orientação da materialidade discursiva.

**Palavras-chave:** Materialidade Linguística; Charges; Gatilho Humorístico; Materialidade Discursiva.

**Abstract:** Cartoon is a textual-discursive genre in which numerous expressive features are part of its production and act decisively in its interpretation. Expensive discursive aspects to Discourse Analysis (DA), such as the notion of otherness and subject, unite the semantic-pragmatic aspects because the mood is set by the union between language and materiality, for example, the relationship between language/subject/history, language/ideology, heterogeneity, discursive formation. Thus, in this article we proposed to show how linguistic materiality is important in activating the humorous trigger, taking the perspective that a discourse always makes a dialogue and it is constituted by the discourse of the other/Other. To this end, we proposed the analysis of 03 cartoons, guided by the following readings: Possenti (2001, 2002, 2010), Mussalim (2012), Pilla and Quadros (2009) and Authier-Revuz (2004). As preliminary considerations, we believe that the linguistic material is crucial in the formation and orientation of the discursive materiality.

**Key words:** Linguistic materiality; Cartoons; Humorous trigger; Discursive materiality

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Encontro Nacional e II Internacional de Linguística e Literatura: *campus* Garanhuns-PE, de 11 a 14 de maio de 2015.

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB). Membro do Grupo de pesquisa Semântica, Léxico e Cognição. Endereço eletrônico: josewellisten@hotmail.com.

## Considerações Iniciais

A charge, de acordo com Pilla e Quadros (2009, p.1) “[...] pode ser considerada uma prática discursiva situada no cosmo das relações entre o linguístico e o histórico-social”. Parece bastante pertinente ressaltar que a charge, enquanto gênero textual-discursivo, apresenta inúmeros recursos expressivos, tanto linguísticos como semióticos, os quais se constituem como interessantes eixos norteadores de valor analítico, tais como: da Semântica, da Pragmática, da Análise do Discurso (AD), dentre outras perspectivas na Linguística, como também da Psicologia, da Sociologia etc. Especialmente sobre a AD, essa corrente de estudos estabelece, dentre outros postulados teórico-analíticos, a relação existente entre língua/sujeito/história, língua/ideologia, heterogeneidade, formação discursiva, apenas para citar alguns presentes na produção das charges.

Tomando por referência novamente Pilla e Quadros (2009), vemos que é de extrema relevância e pertinência analisar as charges de acordo com o escopo teórico da AD, uma vez que, como sugerem os autores, “todo o processo de elaboração das charges tem por base ou fonte de inspiração outros textos e discursos, principalmente notícias veiculadas por jornais impressos e outros meios de comunicação” (PILLA; QUADROS, 2009, p.1). É notório o interesse em AD no que diz respeito à confirmação de que todos os discursos são, de fato, formulações traspassadas por outros discursos, resultado, portanto, do que sugere Bakhtin com relação ao dialogismo e à heterogeneidade constitutiva do discurso.

Em outras palavras, configura-se como de interesse dos analistas do discurso observar e corroborar a tese de que um discurso sempre dialoga e é constituído pelo discurso do outro/Outro.

Indo no esteio do que vimos discutindo e tentando estabelecer uma relação entre as pesquisas em AD e o *corpus* que pretendemos analisar, valemo-nos da seguinte citação de Possenti (2010):

Os estudos sobre textos humorísticos têm aumentado exponencialmente nos últimos anos, em diversos campos de pesquisa (estudos “culturais”, História, Sociologia, Psicanálise, Psicologia), e os estudos de linguagem não têm sido indiferentes ao tema. [...] Talvez se possa dizer que certos ingredientes dos “textos” humorísticos, pelas relações peculiares que mantêm com várias questões de ordem propriamente linguística, em primeiro lugar, mas também pragmáticas, textuais, discursivas, cognitivas e históricas, têm chamado a atenção dos estudiosos para os diversos gêneros do campo. (p.27)

Com base no exposto, temos como objetivo neste artigo, então, apresentar a análise de 03 charges a partir do embasamento teórico fornecido pela AD. Tratar-se-ão de leituras, pois, assim como sugere Sousa (no prelo), o que propomos neste artigo é fazer um “exercício de leitura” (p. 3), justamente porque não invocaremos “verdades absolutas”, mas sim leituras possíveis com as quais esperamos possibilitar um confronto de ideias linguísticas.

Nesse sentido, interessa-nos verificar como a produção linguística das charges estabelece relação com fatos históricos e sociais na construção de sentidos. Para tanto, valemo-nos de noções, como a do discurso do outro/Outro, acionadas pela memória discursiva, mas também trataremos sobre a presença (marcada/mostrada) do sujeito no discurso. Além disso, apoiaremos nossa análise na importância estabelecida pelos elementos linguísticos na explicação do gatilho humorístico das charges, especialmente quando inseridos em um contexto mais amplo da enunciação, no qual as condições de produção de tais textos revelam-se através de fatores socioculturais.

Grosso modo, é na união de aspectos discursivos com aspectos semântico-pragmáticos que se constrói o texto e a compreensão do discurso humorístico. Baseamo-nos nas seguintes leituras: Possenti (2001, 2002, 2010), Mussalim (2012), Pilla e Quadros (2009) e Authier-Revuz (2004).

### **Um pouco de teoria: as charges numa análise discursiva**

É consenso entre os autores que os estudos que colocaram o humor no âmbito dos aspectos voltados à linguística, especificamente do campo da Semântica, foram iniciados por Raskin (1985) em seu *Semantic Mechanisms of Humor*.

A justificativa para o fato de os estudos sobre o humor terem sido explorados por tantas áreas além da linguística (na verdade, bem antes de haver tal preocupação no campo da ciência da linguagem) é dada por Travaglia (1990). Segundo o autor, “sendo o humor um fenômeno complexo e multifacetado, sua pesquisa se estabeleceu como um campo de estudos necessariamente multi e interdisciplinar” (TRAVAGLIA, 1990, p.57). É justamente por isso “[...] que o humor tem sido estudado por antropólogos, comediantes, filósofos, folcloristas, historicistas, linguistas, médicos, matemáticos” (cf. RASKIN, 1987, p.441 e PEPICELLO, 1987, p.27 *apud* TRAVAGLIA, 1990, p.57).

É Raskin (1985) quem propõe uma teoria de base linguística a respeito dos gêneros de humor. De acordo com Ferraz (2012), o autor:

[...] propõe uma teoria semântica do humor baseada em *scripts*, feixes estruturados e formalizados de informação semântica inter-relacionada, a partir da qual propõe duas hipóteses para caracterizar o texto humorístico: o texto é compatível, em todo ou em partes, com dois *scripts* diferentes, e os dois *scripts* com os quais o texto é compatível são opostos em um sentido especial. Tal proposta tenta explicar o processo de compreensão de textos de humor [...]. (FERRAZ, 2012, p.99- grifo nosso).

Além disso, o autor distingue dois modos de comunicação: o confiável e o não-confiável. O primeiro está comprometido com a verdade factual dos enunciados e com a transmissão de informações relevantes. O segundo está ligado à piada. Dessa forma, estabelecem-se as seguintes condições para que um texto seja humorístico:

- O modo de comunicação confiável mudar para o modo não-confiável.
- O texto ser intencionalmente humorístico.
- Os dois *scripts* serem parcialmente sobrepostos e compatíveis com o texto.
- Haver relação de oposição entre os dois *scripts*.
- Gatilho, óbvio ou implícito, ser o responsável pela mudança de um *script* para o outro.

De maneira sintética, Raskin (1985) propõe que o humor verbal seja visto como um texto, o que requer que se busque descobrir um conjunto de propriedades linguísticas tais que qualquer texto que as apresente será engraçado (pelo menos para alguém) e todo texto engraçado terá algumas propriedades regulares.

Para Possenti (2001), as piadas (na nossa visão, também os outros gêneros da ordem do humor, tal como a charge, a que nos deteremos) “[...] fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro” (POSSENTI, 2001, p.72). Segundo o autor, o humor é um campo de interesse para a linguística, no sentido de que é uma área onde se pode fazer boa pesquisa fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, sociolinguística e até de pragmática discursiva.

De modo mais específico, segundo Mussalim (2012):

A Análise do Discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social; ela considera as condições em que [...] [um determinado texto], por exemplo, foi produzido. [...] Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos. (p.146-147)

Para Ávila (2009, p.46-47), “o discurso humorístico, assim como todo processo discursivo, pressupõe efeitos de sentido num processo interlocutivo afetado pelas condições de produção, isto é, pela situação e pelo contexto histórico-social”. Essas noções, assim como outras já mencionadas na introdução, servem para justificar uma análise das charges sob o escopo teórico da AD.

A charge, por seu turno, é uma ilustração que tem como objetivo satirizar e criticar, através de um desenho, algum personagem ou situação social, ironizando e exagerando suas características. Trata-se de um gênero textual-discursivo dependente da intertextualidade, pois ela está sempre em relação com algum outro texto. Assim, a sua interpretação depende muito do conhecimento de mundo (da memória discursiva) e, atrelada a ele, as condições de produção a partir das quais sejam acionadas leituras que tornem possível recuperar o(s) sentido(s) do texto com o qual a charge dialoga. Isso vem ao encontro, como é sabido em AD, das noções de heterogeneidade e dialogismo.

Segundo Possenti (2001), as “[...] piadas estabelecem relações intertextuais (exigem conhecimentos prévios, partilhados). Por isso, muitas piadas deixam de fazer sentido em pouco tempo. É que dependem fortemente de fatores circunstanciais” (p.73). Do mesmo modo apresentam-se as charges, cuja datação e relação jornalística são amplamente dependentes de acontecimento histórico em um dado momento. Logo, entendemos que os fatores circunstanciais e os conhecimentos prévios, no caso as memórias discursivas, devem ser acionados no tocante à interpretação de uma charge.

Ainda sobre a charge, Ferraz (2012) diz que:

[...] podemos resumir que a charge se caracteriza por ser um texto misto, em que se relacionam os aspectos verbais e os não verbais, cuja intenção é a crítica de cunho político e/ou social. Os chargistas se utilizam de temas atuais, aproveitando-se de informações vinculadas por outros gêneros na mídia, o que faz da charge um texto com prazo de validade. [...] No entanto, alguns temas podem ser considerados atemporais, devido à recorrência com a qual são veiculados em nossa sociedade [...]. (FERRAZ, 2012, p.111)

Mussalim (2012) sugere que em AD os textos não são vistos “[...] como um conjunto de enunciados unificados por posições ideológicas não conflitantes” (MUSSALIM, 2012, p.147), ou seja, não são homogêneos. Ao contrário disso, segundo a autora, “[...] o texto se constitui de posicionamentos divergentes cujas fronteiras se intersectam [...], nesse sentido, [o texto] é constitutivamente heterogêneo, de modo que não é possível definir a identidade de um desses posicionamentos sem remeter ao outro” (p.147).

E é justamente essa heterogeneidade dialógica, essa necessária busca pelas memórias discursivas, o constante diálogo entre os discursos do interlocutor com o outro/Outro o que fazem das charges um dos gêneros do humor tão produtivos no que diz respeito a análises em AD.

Na próxima seção, apresentaremos de que modo essas noções se materializam no fio do discurso, muitas vezes, como sugere Possenti (2010), através da materialidade linguística.

### **Analisando o discurso nas charges**

Possenti (2010) afirma que é consensual entre os analistas do discurso a concepção de que “[...] um discurso está todo inteiro em qualquer fragmento, de maneira que um *corpus* pode muito bem ser representativo sem ser exaustivo” (POSSENTI, 2010, p.18). Esperamos que a mesma máxima possa ser aplicada a esta seção. Nela, apresentam-se 3 charges a partir das quais intencionamos discutir sobre algumas contribuições analíticas e demonstrar como a materialidade linguística leva à materialidade discursiva.

Observemos a primeira charge:

**Figura 1: Charge 1 – discussão sobre a maioria penal**



Disponível em: <<http://miniplif.no.comunidades.net/index.php?pagina=galeria>>. Acesso feito em: 15/06/2015.

Uma máxima bastante presente em análises norteadas teoricamente pela AD pode ser apreendida a partir do trabalho de Authier-Revuz (2004). A autora afirma que é “no fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso [através da qual se] inscrevem, em sua linearidade, o outro” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12). Dito de outro modo, podemos entender a noção de alteridade a partir da heterogeneidade constitutiva do discurso, visto que as marcas do outro/Outro podem ser recuperadas, por estarem marcadas, no fio de um dado discurso.

Na charge apresentada acima, podemos observar que o tema norteador diz respeito à “redução da maioria penal”. Ao acionarmos nossa memória discursiva, vemos que esse tema se configura como um produtivo discurso nas mais variadas instâncias sociais, sociológicas e históricas. Já há um bom tempo no Brasil vem sendo discutida a questão da diminuição da maioria penal. Alguns discursos, digamos assim, giram em torno da defesa da idade atual, 18 anos, mas há muitos discursos, inclusive proferidos na mídia, de que deve ser reduzida a idade penal para 16 anos, talvez menos.

A cada vez que ocorre um crime cuja culpa direta ou indireta seja (possa ser) imputada a um menor de idade, voltam-se os olhos para o tema da diminuição da maioria. Todas essas informações históricas se configuram como uma espécie de contexto compartilhado necessário para a interpretação da charge, justamente porque é esse mesmo contexto de mundo que funciona como pano de fundo basal para a produção desse discurso, ou seja, faz parte de suas condições de produção. É notória, portanto a presença do outro/Outro na constituição do discurso promovido pelo chargista.

Poderíamos concluir, portanto, como já indicam algumas teses da AD, que o discurso presente na charge não é original de um eu, mas sim de um outro discurso?

Segundo Possenti (2002, p.64-65), “[...] a presença do outro não é suficiente para apagar a do eu, é apenas suficiente para mostrar que o eu não está só”. Observemos, então, a materialidade linguística apresentada nas falas das personagens da charge: quando o primeiro policial, após revistar dois bebês suspeitos (?) afirma: “esses aqui tão limpos”, construímos um mundo, um *script* (tal como é característico no humor) que direciona a nossa interpretação de que o sentido de limpo refere-se ao comportamento social lícito de um determinado cidadão. No jargão característico das “batidas policiais”, um sujeito que está limpo não porta armas, não porta drogas, não porta nada que seja ilegal. Porém, ao seguirmos o fluxo discursivo, vemos que limpo, ou mais explicitamente, os complementos associados a esse lexema, por questões da composição

do discurso, configuram-se como ambíguos: limpo não diz mais respeito a uma questão de comportamento social, mas sim estabelece uma antonímia com sujo, configurando-se, então, numa questão física, corpórea, a que, por referência semiótica, apoiados na leitura da imagem, vemos o policial com as mãos sujas, após fazer a revista do segundo bebê.

Como sugere Possenti (2002), a constituição dialógica desse discurso, no qual é clara a presença do outro/Outro, não elimina a presença do eu. O chargista claramente lança mão dos mecanismos linguísticos que conhece (ambiguidade de limpo, a relação de antonímia entre limpo e sujo), revelando, mesmo que implicitamente, sutilmente, um eu que não é totalmente assujeitado. Esse trabalho, inclusive, parece sugerir uma tomada de posição do eu a qual discorda da ideia de redução da maioria penal, já que o “crime” cometido pelo bebê é algo normal, fisiológico. O eu participa do diálogo com o outro/Outro, constituindo-o, logo se configurando como o outro/Outro do outro/Outro (cf. POSSENTI, 2002, p.65).

É, por fim, o trabalho com o material linguístico que indica e direciona o diálogo entre o eu e o outro/Outro. É por meio desse material linguístico, presente na ambiguidade e no deslizamento dos dois mundos/*scripts* construídos na leitura, que se apoia o humor dessa charge e através do qual o discurso se materializa. Passemos a próxima charge:

**Figura 2: Charge 2 – discussão sobre as touradas**



Disponível em: <<http://www.sejavegetariano.com.br/charges-vegetarianas/>>. Acesso feito em: 01/06/2015

De acordo com Pilla e Quadros (2009):

As charges comportam a articulação do verbal (palavra) com o não-verbal (imagem) que constrói múltiplas direções de leitura, associando recursos como a ironia e o desenho caricatural. Outro aspecto importante é que elas costumam ser tão ricas e densas quanto outros textos opinativos, como crônicas e

editoriais, que transmitem um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. (p. 2)

Na charge em análise, vemos que a afirmação extraída a partir de Pilla e Quadros (2009) confirma-se. Nela, podemos perceber uma forte ideologia a qual direciona a composição do discurso. Vale ressaltar que todo o apelo do verbal somado ao não-verbal promove, a um só tempo, tanto o humor da charge, ou seja, o seu gatilho humorístico, quanto marcam os discursos presentes nela.

É de conhecimento geral que as touradas na Espanha (assim como as vaquejadas e os rodeios, aproximando mais a discussão à realidade brasileira), são fruto de polêmicas discussões entre, por um lado, adeptos defensores dos eventos, caracterizando-as como festas esportivas, como, por outro lado, ONGS protetoras dos animais, cujo discurso apresenta essas atividades como sendo a própria promoção de um show de horrores e maus-tratos com animais.

A fala do primeiro personagem parece estar inserida na discussão resumidamente relembra no parágrafo anterior. Quando enuncia: “quem não gosta de touradas não vá...”, parece apresentar uma solução, até certo ponto grosseira, àqueles que consideram tais eventos como nocivos e violentos. Esse é um discurso com o qual o chargista dialoga, na verdade, poderíamos dizer que esse é o discurso do outro/Outro retomado pelo eu. No entanto, ao observamos a fala do segundo personagem e, em seguida, ao apoiarmos nossa leitura na imagem, vemos que um outro mundo possível, o da inversão e do risível, se apresenta. Se a solução é assim tão fácil, ou seja, se é preciso, apenas, que os desgostosos com as touradas não participem delas, logo, o touro é quem não mais está interessado em participar. Ao enunciar “ok, ele não gosta” e ao vermos um touro descontente, vemos que o complemento catafórico a ser relacionado com o pronome ele (ou seja, o próprio touro) é o que direciona a interpretação que deve ser dada à charge.

É, em síntese, apoiado no trabalho entre os elementos linguísticos, mais especificamente pela catáfora decorrente do uso do pronome ele e também pelo gesto dêitico do segundo personagem ao apontar o touro que o chargista constrói o discurso, dialogando com outros discursos, de fato, tendo o seu discurso constituído por outros. Além disso, a junção com os elementos não-verbais, característicos da charge como gênero textual/discursivo, é o que nos leva a percepção da materialização do discurso.

Por fim, passemos à última análise:

Figura 3: Charge 3 – salário político X salário do trabalhador



Disponível em: <<http://www.odivisor.com.br/charges/charge-do-dia/1483>>. Acesso feito em: 20/06/2015.

Em Mussalim (2012) encontramos o seguinte argumento:

[...] um paradigma é constante nos estudos do círculo de Bakhtin: opõem-se o dialógico ao monológico, o múltiplo ao único, o heterogêneo ao homogêneo. O dialogismo do círculo de Bakhtin, no entanto, não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas diz respeito a uma teoria de dialogização interna do discurso. É nesse sentido que, para Bakhtin, o discurso, cujo dialogismo se orienta para outros discursos e para o outro da interlocução, instaura-se numa perspectiva plurivalente de sentidos [...]. (MUSSALIM, 2012, p.150)

A charge ora em análise serve para corroborar o apresentado por Mussalim (2012) ao retomar o trabalho de Bakhtin e o círculo. De fato, o discurso presente na charge nos obriga, principalmente se quisermos entendê-la corretamente, a retomar vários outros discursivos os quais, efetivamente, constituem o discurso apresentado pelo chargista.

O tema relativo aos salários dos políticos é sempre uma questão polêmica na sociedade brasileira. Historicamente fica a cargo dos deputados e senadores, na configuração política brasileira, proporem e votarem as leis. E são também eles que votam, por lei, no quanto deve ser o salário mínimo do trabalhador brasileiro. Também são eles que votam no quanto deve custar o salário dos próprios parlamentares.

Interesses pessoais à parte, está presente em nossa memória discursiva e, com certeza, também faz parte da memória do chargista, essa polêmica questão sobre os salários. Outro

discurso acionado na leitura dessa charge diz respeito ao fato de serem altos os salários dos políticos, principalmente se comparados ao valor recebido pelo trabalhador comum (podemos apoiar esse argumento nas imagens da charge).

Esses conhecimentos prévios, assim como já vimos fazendo anteriormente, configuram-se como o ponto de partida basal sobre o qual se detém o chargista na produção de seu discurso. São os discursos com os quais ele dialoga e que fazem de seu discurso heterogêneo, múltiplo e dialógico.

O material linguístico fornecido é de extrema relevância para o direcionamento do(s) sentido(s) que podem ser extraídos na leitura da charge. Ao compararmos os enunciados: 1) “salário de parlamentar” com o 2) “salário para lamentar” o jogo de sentidos devido à proximidade fonética entre o lexema parlamentar e os lexemas para lamentar funcionam como orientadores do discurso. Essa materialidade linguística, inclusive, põe em cheque a total inconsciência do sujeito que produz o discurso.

Entendemos, a partir das análises apresentadas, terem ficado claras as marcas do outro/Outro, porém, tomando por referência o trabalho de Possenti (2002), entendemos que, do mesmo modo, estão mostradas as marcas desse sujeito que trabalha com a língua(gem), visando promover a materialização de seu discurso, mesmo que não seja possível negar o diálogo desse discurso com o discurso do outro/Outro.

### **Considerações Finais**

Esperamos, com as análises propostas, ter sido possível mostrar como o material linguístico é decisivo na constituição e orientação da materialidade discursiva. Em alguns momentos, inclusive, sendo possível falar num diálogo entre o eu e o outro/Outro como se houvesse uma consciência (talvez seja ilusão) de que este eu é produtor (autor) do seu discurso.

Com base no que fora exposto, é importante também ressaltar a importância do trabalho com os gêneros do humor, dentre eles a charge, no espaço de sala de aula. Partindo da presunção de que a linguagem é interação, um modo de ação social, um lugar de conflitos e de controle ideológico, as charges (e também outros gêneros do humor) se constituem numa fonte inesgotável e, por que não, irresistível, tanto para a demonstração quanto para a compreensão dos mecanismos linguísticos e das ideologias que se utilizam do discurso humorístico. Como vimos, são textos que se tornam em verdadeiros laboratórios para demonstrar a relevância dos fatores linguísticos e discursivos.

O papel do professor é decisivo nesse aspecto, ainda mais se intencionarmos um ensino de língua reflexivo e que aproxima o aluno das realidades de uso da linguagem.

Conforme Ilari e Geraldi (2006)

(...) precisamos esquecer as classificações morfossintáticas tradicionais e fixar nossa atenção nas condições de uso; [isso demonstrará] que há interesse em contar com categorias descritivas que dizem respeito menos à sintaxe ou ao conteúdo objetivo das frases, e mais ao seu possível uso na interação dos locutores. (p.80)

Portanto, dominar os recursos linguísticos de uma língua não somente auxilia o produtor do discurso como também o leitor deste discurso, uma vez lhe permitir fazer uma leitura crítica do texto, levando-o ao desenvolvimento reflexivo na língua.

## Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ÁVILA, Fernanda Góes de Oliveira. *Análise do discurso humorístico: as condições de produção das piadas de Joãozinho*. – Monografia, – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.
- FERRAZ, Mônica Mano Trindade. Ensinando com textos de humor: sugestões de leitura do gênero charge. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). *A didatização de gêneros no contexto de formação continuada em EaD*. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012. (p. 95-124).
- ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. – 11. ed. – São Paulo: Ática, 2006.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, volume 2. – 8ª. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012 (p.113-165).
- PILLA, Armando, QUADROS, Cynthia Boos de. Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 3, n. 3, p. 226-239, set./dez. 2009. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1497/1402>. Acesso feito em: 01 JUN 2014.
- POSSENTI, Sírio. O humor e a língua. *Ciência Hoje*, vol. 30, nº 176, p. 72-74, 2001. Disponível em: <<http://aescritanasentrelinhas.d3estudio.com.br/wp-content/uploads/2009/02/o-humor-e-a-lingua-texto.pdf>>. Acesso em: 03/07/2014.
- \_\_\_\_\_. *Os limites do discurso: ensaios sobre o discurso e o sujeito*. – Curitiba, Criar Edições, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Humor, língua e discurso*. – São Paulo: Contexto, 2010.
- RASKIN, Victor. Semantic Mechanisms of Humor. In: *Studies in Linguistic and Philosophy*, 24. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1985.
- SOUSA, Maria Ester Vieira de. *O eu e o outro eu: as astúcias do sujeito e o deslocamento dos sentidos*. Texto inédito. Discussão iniciada no III SINALGE na mesa redonda: Análise de Discurso: relações de sentido e constituição do sujeito (no prelo).
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *DELTA Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, ISSN/ISBN: 01024450, 1990. Disponível em:

[http://www.ileel.ufu.br/travaglia/artigos/artigo\\_uma\\_introducao\\_ao\\_estudo%20do\\_humor\\_pela%20linguistica.pdf](http://www.ileel.ufu.br/travaglia/artigos/artigo_uma_introducao_ao_estudo%20do_humor_pela%20linguistica.pdf). Acesso em: 03/07/2014.

Chegou em: 19-07-2015

Aceito em: 05-11-2015